

Escravos e libertos: memórias construídas e histórias não contadas

Roberto Guedes (UFRRJ)

Isnara Pereira Ivo (UESB)

Moderador: Eduardo França Paiva (UFMG)

Histórias contadas por escravos e libertos de todas as "qualidades" divergem, muitas vezes, de versões elaboradas a posteriori por historiadores e estudiosos de outras áreas do conhecimento. Nesta mesa-redonda, abordaremos aqueles agentes históricos, escutaremos suas vozes, estabeleceremos um diálogo profícuo e respeitoso sobre dimensões de seus modos de viver e de atuar em sociedades escravistas, aspectos que continuam ocultos, mal conhecidos e, por vezes, inconvenientes a lógicas e perspectivas atuais. Para tanto, inicialmente, demonstraremos que, ao contrário do que se acostumou a pensar, nossos interlocutores nos deixaram imensa quantidade de testemunhos diretos e indiretos, relativos às suas experiências, práticas culturais, percepções e impressões sobre as realidades históricas que ajudaram a construir. Assim, partiremos de informações deixadas por alguns deles para, a partir daí, examinarmos historiograficamente os contextos e as maneiras como agiram. Pretendemos perceber como registravam, entendiam e explicavam suas realidades complexas, que pouco ou nada têm a ver com esquemas e modelos explicativos elaborados a posteriori, quase sempre simplificadores e generalizantes. Desejamos, compreender suas narrativas sobre memórias ancestrais e sobre suas próprias trajetórias, associadas ao universo escravista e aos resultados de suas ações individuais e coletivas em diferentes contextos, transformados incessantemente ao longo de quase 400 anos. Queremos saber mais sobre como perceberam a escravidão; sobre como viram e se inseriram neste processo junto com índios, mestiçados e africanos; sobre como escravos buscaram sua liberdade, sem, contudo, condenar a escravidão, legitimando-a historicamente; sobre como escravos se transformaram em senhores de escravos. Pretendemos, ainda saber sobre como escravas e libertas seduziram senhores e seus familiares para construir sociabilidades e laços de parentesco e, a partir daí, conquistarem alforrias, herdarem e fazerem de seus filhos herdeiros; sobre como elas narraram sua experiência consciente de poderes e autonomias em sociedade escravista, misógina e patriarcal; sobre como as libertas e seus descendentes imediatos formaram camadas médias urbanas, responsáveis por dinamizarem o comércio mundial, e (re)definiram o padrão escravista nas áreas mais urbanizadas, incrementando a edificação de núcleos familiares escravos, de nascimentos internos e de alforrias, reduzindo, assim, a dependência para com o tráfico africano; sobre como a apropriação do catolicismo por parte de escravos e libertos foi elemento fundamental para o triunfo do cristianismo na América portuguesa. Entendemos, assim, que, para melhor conhecer nosso passado, é imprescindível explicitar toda a sua complexidade, mesmo que muito dela seja contrária a versões historiográficas mais recentes e a valores culturais que produzimos, principalmente, a partir da segunda metade do século XIX. Percebemos, também, a necessidade de evidenciar códigos, valores e definições compartilhados por homens e mulheres no passado, mesmo que se oponham aos preceitos liberais, abolicionistas e republicanos que, mais tarde, nortearam o olhar de parte dos pesquisadores e determinaram explicações convenientemente produzidas em oposição a um passado escravista "atrasado" e a um projeto de "civilização" para um "novo" Brasil. Empregar modelos de análise que desconsiderem escravos, forros e seus descendentes e suas experiências registradas na documentação é,

a nosso ver, continuar relegando-os, simplifadamente, ao papel idealizado de "vítimas", destituindo-os de sua própria história, que também é a história de todos nós.